

Antonio Major Claudio Barbosa  
S. Paulo

# O CABRIÃO

PERIODICO QUINZENA

Redactor-chefe: — ANTONIO SALLES JUNIOR

Redactor-seccretario: — LINO MOREIRA

ANNO I

S. PAULO, 15 de SETEMBRO de 1897

Numero 1

## O CABRIÃO

Espinhosa, talvez, é a missão da imprensa, mas daquella que advoga os interesses da sociedade, dessa «sociedade que exige tudo e nada dá,» para aproveitarmos a phrase de Laurindo Rabelio; porém a nós, que temos por escopo a cultura das lettras, a tarefa não deixa de ser agridoce e de trabalho suave, embora deponha contra nós a propria penna, que escorra mui vagarosamente sobre o papel, e que não tem esse *savoir-faire* que tanto caracteriza os periodicos litterarios de S. Paulo, cujo estylo fulgurante muito acatamos e respeitamos. Ora, eis ahí uma das razões, além da obrigação, que nos forçou (um modo de dizer) a solicitar a collaboração dos nossos amigos, que com os seus trabalhos, fructos de longa e assás desenvolvida cultura intellectual, abrihantarão as nossas columnas, dando ao nosso periodico certo chiste e *verve* que farão a sua leitura agradável. E o nosso intento não é outro, não será outro, e agasalharemos á todos que nos honrarem com os seus artigos, por isso que queremos angariar a sympathia dos leitores, que não desgostarão decerto uma bóa e variada leitura.

Comprehendemos que a decrepitude da litteratura duma nação, significa a sua decadencia, assim como tambem o progresso intellectual abre as portas ao material. Ora, é necessaria uma cooperação efficaz de todos, como requer a civilisação. E é justamente isso o que acontece no Brasil, que já apresenta poetas distinctos, taes — Gregorio de Mattos, Gonçalves Dias, Olavo Bilac; romancistas notaveis, como — José de Alencar, esse espirito educado e fino, esse primoroso stylista, cuja gloria o *Guarany*, *Iracema*, *Tronco do Ipé* e *Luciola* attestam eloquentemente, — e Bernardo de Guimarães, o auctor do *Seminarista*; oradores distinctos: José Bonifacio, Rodrigues dos Santos; jornalistas scintillantes — yppolito Costa, José do Patrocinio, etc.

Além do mais, comprova a rapida marcha do nosso progresso intelle-

ctual, a recente criação da Academia de Lettras, cujo presidente, o sr. Machado de Assis, é considerado hoje como mestre emerito da litteratura nacional, e tantas outras sociedades litterarias, que avultam por toda a parte, como o *Instituto Historico Brasileiro*, cuja fundação deve-se aos esforços de Fernandes Pinheiro, Cunha Barbosa e Cunha Mattos.

Com este exordio cumprimos uma obrigação. Si disserem que nós somos ambiciosos, não errarão, estamos certos.

Isto é natural, desde que este periodico nasce com a alma moça; e, portanto, não é extraordinario desejar um futuro risonho.

Resta-nos agora pedir indulgencia aos nossos leitores.

### A' ...

Foi pincel mui delicado  
Que traçou teu rosto bello,  
Adornando os roseos labios  
Dum sorrir meigo e singelo.

Desde que esse olhar celeste  
Meu olhar triste encontrou,  
Penetrou, qual uma setta  
No meu peito e o captivou

Encantou-me tua imagem,  
Fascinou-me teu sorriso.  
Que julguei gosar, celeste,  
Cá na terra, um paraíso.

Estavas linda no baile,  
Qual aurora matutina:  
Nas niveas faces brincava  
Cór de rosa purpurina.

Desses olhos desprendeste  
Um lampejo encantador,  
Qu'expelliu a negra nuvem  
D'um porvir cheio de amor

Desde então, arde meu peito,  
Qual do vulcão a cratera.  
Porque te ama, te idolatra,  
Linda flor da primavera.

Ponta-Grossa-1886.

ANTONIO MARTINS D'ARAUJO

## Por causa de um charuto

Ao dr. Leopoldo de Freitas

I

O conselheiro Castrioto de Faria era medico distinctissimo e um dos cavalheiros mais conceituados da sociedade fluminense.

Casado com uma elegante senhora, oriunda de aristocratica familia brasileira, o illustre clinico possuia quatro filhas formosas e prendadas.

A mais velha contava 25 annos de idade e a mais moça, apenas 16.

Esta, era (segundo diziam os rapazes) a flor das jovens filhas do conselheiro Faria.

Córada, clara, olhos pretos, cabellos assetinados e cheios de fluctuantes ondas, Violeta não era uma mulher — era um anjo de belleza, uma virgem digna dos amores de um bardo!

O notavel medico tinha seu escriptorio á rua dos Ourives.

Possuia uma clinica enorme.

Todos procuravam os seus preciosos serviços, não só pelo renome invejavel que elle soubera conquistar, como ainda pelas curas importantes que fazia diariamente.

II

Quem entrasse no gabinete medico do conselheiro Castrioto de Faria, havia forçosamente de mirar uma taboleta que se achava pregada á parede do mesmo e que continha o seguinte escripto: «Aqui é expressamente prohibido o fumar.»

O conselheiro era um cruel e declarado inimigo do fumo, e quem quizesse vel-o zangado, bastaria tirar umas fumaças de cigarro ou charuto, ás suas vistas.

«Sei que torno-me importuno e original com isto, mas não posso aturar o cheiro do fumo! Aborrece-me, deixa-me nervoso! E no meu gabinete medico ah! seja o imperador da Turquia, se fumar tomará descompostura! Sim, no gabinete quem fumar, além de faltar ao respeito á minha pessoa ainda fará mal, causará desprazer aos clientes... que são os que fornecem-me o pão nosso de cada dia!»

Peço o teu auxilio  
Marcondes

Assim pensava o honrado facultativo em materia de fumo.

## III

A linda e gentil Violeta, ultima filha do afamado medico, era noiva do estudante da Faculdade Livre de Direito da Capital Federal, Getulio Gasparino. Este joven possuia um physico sympathicamente agradavel.

Moreno, alto, bem feito de corpo, bellos bigodes pretos, merecia certamente um amor de mulher bonita. Vira a interessante Violeta num baile do Club X... Moço, sentira-se ferido pelo Deus Cupido, ao travar conversação com a mais moça das filhas do conselheiro.

Ambos dançavam a segunda quadrilha e no fim do baile... um já conhecia o estado do coração do outro! Amavam-se emfim!

Depois de alguns dias de mais convivência, depois de reciprocas trocas de perfumados bilhetes amorosos, daquelles que só os que amam sabem escrever, Getulio mandou pedir ao conselheiro a mão de Violeta.

O pedido foi acceito com praser.

O futuro jurista era pois um feliz mortal!

## IV

Getulio Gasparino pouco conversava com seu futuro sogro.

O joven achava-o altivo e exquisito. Não era capaz de fumar perto do velho, pois conhecia o seu desagrado pelo fumo e não queria desmanchar praseres.

Um dia, porém, por uma distração qualquer, o estudante entrara no gabinete medico do conselheiro, com um cheiroso charuto bahiano á bocca.

— Oh! meu rico senhor! Não sabe que aqui não se fuma! Por acaso é cego! Não encherá aquelle letreiro allí! quer um oculos de baeta?! Oh! isto é muita ousadia!...—Tudo isto o conselheiro dizia tremulo de raiva!

O joven noivo ficára pasmo e sem poder articular uma só palavra! Depois, acalmado-se, conseguira dizer:— Conselheiro, fiz mal, entrei fumando distrahidamente, mas não esperava nem por sonho, ser tratado assim tão cruelmente pelo pai de minha noiva! Visto que não possuo liberdade em sua casa, nem para fumar, sendo este o unico vicio que tenho, retiro meu pedido de casamento. Sinto muito deixar Violeta, bella e delicada virgem, porém para não arriscar-me a ser mal tratado perto de visitas pelo meu ex-futuro sogro, retiro desde já a minha palavra sobre o consorcio! Passai bem, conselheiro! — Ao dizer isto o joven sahira do fatal escriptorio orgulhosa e altivamente!

## V

Violeta chorou muito ao saber do facto. Sentira a perda do noivo que

merecera seu amor puramente sincero e sinceramente fiel.

Mas porque diabo foi o rapaz fumar no gabinete do velho inimigo de fumaças!...

Assim por causa de um simples charuto de dous tostões, Getulio Gasparino perdeu o casamento!...

S. Paulo, Setembro 97.

ARTHUR GOULART.

**N. da R.**— Ao sr. A Goulart, a redacção do *Cabrião* muito agradece as palavras affectuosas que lhe dirigiu em amabilissima carta, esperando a assiduidade de sua collaboração



## Impressões

Ao Themistocles Pires

A hora crepuscular ameaçava findar o melhor dia de outono numa inclemente luta entre a terra e o espaço.

Já se preparava o scenario: Negras nuvens avançavam ousadamente, aos magotes; os coriscos eram apenas um átomo da borrasca que se premeditava; o clarão dos relampagos era a luz que alumia aquelle resto de dia.

Eis que uma brusca mudança, operando-se, precipitára os acontecimentos: Com as gottas desproporcionadas viéra o granizo, e acompanhava a ambos um ruido infernal.

Olympia, uma bella sertaneja, olhava o horrendo espectáculo, filtrando a vista a travez da cortina que ornava a vidraçaria de uma janella.

Assim, só a custo ella poude ver as arvores a torcerem-se ante os esforços combinados de alluvião e da rajada; e a nudez dos galhos, cujas folhas jaziam no chão, de mistura com um lençol de pedriscos.

De subito, um forte abalo soffreu a casinha de Olympia, e arrancou esta áquelle lugar, tremula de emoção.

Ainda a impressão desse choque não estava apagada de sua mente, quando outro se fizera sentir com dobrada violencia.

O terror, que paralizára na joven os movimentos, a fizera gritar por socorro; mas, os gritos não conseguiram transpor os humbraes de seu nicho de solteira, por causa da furia da tempestade.

Então, de joelhos, ella impetrou ao Céu misericordia para aquelle transe fatal. Depois, ella foi-se arrastando até o genuflexorio onde tornou a ajoelhar-se.

E, de mãos postas, orou fervorosamente, ante a imagem da Virgem, a fim de fortificar-se na fé e avivar a sua esperança.

Outra vez foi investida a casa de Olympia, mas, de uma maneira mais energica; e ella, a joven, não se sobressaltou por isso!

A pouco a pouco, porém, amainou o tempo, e não tardou que elle serenasse de todo.

Agora, quem fosse abrir a janella atraz da qual Olympia não ha muito se achava, receberia no rosto o bafo de um'atmosfera deliciosa; veria as nuvens fugindo como que apavoradas pelo espectro de seus proprios destroços; veria no fundo do quadro a sombra de uma collina, em cujo vertice e no vão deixado por uma nuvem, se desenhava a Lua, que parecia receber na concha de seu semi-circulo a estrella Vesper, que lhe ficava fronteira.

Mas, a janella se conservava cerrada, porque ninguem apparecia para abri-la.

\*

\*

E enquanto que lá fóra a solidão ouvia o ruido das enxurradas abundantes, no aposento da moça o silencio foi quebrado por um grito rouco, atabafado em parte no peito de um másculo vivente.

Seguiu-se, logo após, um verdadeiro grito de desespero, e estas palavras angustiosas: «Morta!.. morta está... a minha Olympia...»

E ella, na postura de quem ora, se tornára effectivamente um cadaver...

\*

\*

...E as nuvens fugiam, como que apavoradas pelo espectro de seus proprios destroços.

S. Paulo, 10-9-97

JUCELENIO COROADO



## Ausencias antonymas

Morpheu, fazendo sentir o seu eternal poderio, obrigara a formosa Paulicéa a abrigar-se em seu immenso e precioso manto...

O nocturno passeante ao passar por uma silenciosa rua da Capital Paulista fatalmente ouviria um forte rumor que se repercutia em todo o ambiente de uma estalagem que occupa quasi um quarteirão da mesma rua.

A curiosidade apoderando-se do adorador das trevas — leval-o-ia a entrar na estalagem, onde poderia gosar de um espectáculo que abalaria o coração do maior despotico!

A mortuaria luz sahida por uma porta semi-cerrada de um misero quartinho, o forte alvoroço que acompanhado de gemidos e phrases inintelligiveis denunciavam que a desgraça cejava na tristonha casinha, e, sobre tudo, o completo silencio no resto do cortiço, indicavam ao indagador profano que para cumprir com o seu dever de humano era necessario inves-

tigar o que se passava de singular em tão malfadada casita.

Triste, na verdade triste, o grandioso e magistral quadro que naquele momento absorvia completamente todos sentidos do nosso mysterioso espectador do grande e admiravel painel da Natura — a Noute.

Ao pé de um antiquissimo catre, immovel, com o olhar fixo no tecto e talvez passando atravez do mesmo para ir pousar-se brandamente no bondoso rosto do Senhor de Todas as Cousas, como que implorando, mantinha-se vacillante uma pobre mulher; ora levantando preces aos céus, ora desesperada, hallucinada, ameaçando por entre-cortados soluços o Supremo Architecto do Universo! Olhos anciosos dariam com uma criancinha deitada no imprestavel leito e... coitadinha, disse-lhe que dormia o somno dos justos...

Embrulhada em esfarrapadas vestes, o anjinh parecia sorrir-se A'quelle que a chamava...

Os olhinhos que outr'ora eram duas doces jaboticabas, agora, inteiramente embaciados — dois pedaços de vidro, não encontravam os da *Mamã* que tantas vezes assustando-o forcara a fechal-os para que pudesse reconciliar o somno angelical.

... E a desgraçada Mãe, ao fitar, ao devorar com o olhar espavorido o corpo do Innocente, aquelle pedaço de suas entranhas, debulhada em lagrimas rogava á Deus que lhe trouxesse o seu marido, o corrompido marido que tudo quanto ganhava era para ir gosar em proveito do perverso Bacho...

O Criador da Natureza condoera-se da desafortunada mãe — seu esposo berrava no corredor do cortiço.

O infeliz, cosendo-se com as paredes, tropeçando em pequenos obstaculos, esbarrando cem vezes nos transeuntes e cem vezes rolando ao chão, acertara com a casa!

O embriagado, que ao sahir do carinhoso lar domestico deixara sua amada filhinha em serio estado de doença, ao passar pela taverna onde costumava *immortalisar* Bacho — o eterno deus tão ardentemente respeitado quão odiado, não pudera deixar de ir invocar aquelle que era sua infelicidade e a da familia.

Cecilia, ao ver seu esposo em um tal estado, correu para elle, porém, recuou horrorisada e...

O pesado corpo do seu Alfredo cahira fortemente no rijo soalho!

— Alfredo, Alfredo a nossa querida Armanda foi para o reino dos anjos...

— Ora, vê... se... não me pintas de branco que... que eu, velando, bebendo e...

Alfredo não terminara a sua inconexa phrase, uma atordoadora risada, mas, uma risada que não é de um ser racional, cortara-lhe a blasphemia.

Cecilia, a bella e trabalhadeira Cecilia, enloquecera!...

... E assim tres almas ausentaram-se deste viciado valle de hypocrisias!

Armanda, a idolatrada menina, deixára a sua pura e innocente alma voar para a immensidade — Morte...

Cecilia, a misera mãe e martyr espoza, ausentara-se para o martyrio — Loucura...

Alfredo, apenas sonhava...

LINO MOREIRA



## Um amor fatal

Triste e pensativo, invadido por um abatimento physico e moral, que o prostrava, que lhe entorpecera a mente. — Ernesto, no seu quarto, que era apenas illuminado pela penumbra bruxoleante de uma velha candia, sentado diante de uma meza, povoada pelo tinteiro e pela caneta, descansava a cabeça nas mãos, e fitava, c'os olhos cheios de tristeza, languidos, que revelavam atrozes soffrimentos. — alguns livros, cujos titulos foram apagados pela mão devastadora do tempo, esse grande senhor da humanidade, a ampulheta que marca os segundos da vida do homem e d'outros seres vivos.

Quaes seriam os sinistros pensamentos que povoavam o cerebro desse moço, na flor da idade, cheio de vida e de belleza?

De subito, abanou a cabeça e como que disposto a executar alguma cousa que lhe surgira no espirito, pegou nervoso em uma penna, e, com mão tremula e vacillante, traçou sobre algumas tiras de papel, um papel macio e alvo como a neve, as seguintes linhas, que ha dois annos achámos na gaveta de uma velha mesa, talvez a mesma em que Ernesto as escrevera nessa noite.

\*  
\*\*

Minha Adelaide:

Depois da morte de minha boa mãe unico seio onde encontrava carinhos, e unico membro da familia que então me restava, sómente a ti, emula de Chiloé e d'Ophelia, á ti sómente entreguei meu pobre coração,

E ti?! Oh! impiamente o enganaste, e por fim cavaste-lhe a sepultura envenenando-o com a amargura da desillusão...

Em ti eu edificára todo o meu futuro, risinho ninho d'amores, que pintava com as mais vivas e celestiaes cores: já me parecia ouvir a voz argentina de uma cabecinha loura, d'um pequeno gentil, de faces setineas e labios carmineos, chamando-me, acariando-me, nas tard-s de arreból, quan-

do eu voltasse das fadigas do trabalho... Como ser-me-ia encantador, sublime, ouvil-o chamar-me — *papa*. E fazias-me alimentar essas doces illusões, com falsos sorrisos nos labios, com juramentos de um amor sempiterno, duradouro...

«Mas, poderia eu duvidar desses juramentos, desses sorrisos?

Como crêr que em ti, joven de 17 annos apenas, bella e casta, criada no seio de uma familia modesta, mas honesta e honrada, se occultasse um reptil perverso, que me viesse envenenar a existencia?

Quem julgaria que de teus olhos, limpidos como o azul do céu, partissem olhares hypocritas, mas fascinantes, refalsados de mentirosa ternura, para enganar á quem, nas conversas intimas, prometias o mais fiel dos amores, e a realização de sonhos doirados?! — Nunca, nunca...

Confiado nas tuas promessas, eu viéra para estas terras, afim de melhorar as minhas precarias condições financeiras, com o labutar quotidiano e incessante, para depois nos unirmos perante o altar de Deus e as leis sociais, com o sagrado vinculo do matrimonio! A' principio as tuas cartas forem frequentes, depois tornaram-se mais raras, até que enfim cessaram completamente. Foi então que um dedicado amigo escrevera-me communicando o teu proximo casamento com um outro qualquer...

A pungente dor que soffri é inexplicavel; foi então que, não querendo prestar fé ao que o meu amigo dissera, escrevi-lhe insultando e cortando os laços que nos uniam mutuamente.

Mas o teu silencio proseguiu... e deu vasto campo á duvidas, mui fundadas, alias.

Era impossivel continuar esse estado de incerteza: já não me confiava em ninguem: resolvi regressar á terranatal para conceber a verdade das cousas...

Quantas vezes mais ditoso não seria eu si a fouce da morte ceifasse a minha vida ness'hora!?

\*  
\*\*

Já o comboyo approximava-se... O sol escondia-se nas nuvens do horizonte ceruleo, e o silencio invadia minha alma de tristeza e melancholia. Meu coração palpitava ao atravessar esses campos tão meus conhecidos, onde folgava e brincava na infancia. Tudo concorria para a minha melancholia: o revêr os campos nataes, que despertavam-me vivas lembranças e recordações do passado, — o gemido plangente do urutáo, que procurava a esposa perdida, o gorgoio com que o sabiá despede-se do sol, tudo, tudo, enfim...

Chegámos á GARE: encobrimdo a minha languida fronte com as abas do

97.900  
ARQUIVO

meu chapéo, pressurosamente desci do vagon e atravessei as travessas em demanda de tua casa. Bato na porta e apparece-me teu pae (que antes venerava e que hoje odeio). Reconhecendo-me, disse-me com uma ironia que matava-me:— Que deseja, si Adelaide não será jámais tua consorte?!

Sedento de vingança, meu primeiro pensamento foi atravessar-lhe o coração com a lamina de um punhal. Mas faltaram-me as forças, fiquei por momentos pusillanime.

Sai acabrunhado... A' poucos passos tive que encostar-me a parede para não cair, pois que minhas pernas ficaram entorpecidas.

\*  
\*\*

Era uma linda tarde de Maio. O sino da igreja de São Pedro repicava festivo annunciando um proximo casamento.

Que bello quadro! Lá via-se um grupo de lavradores, que, com as ferramentas sobre os hombros, vinham cantando alegres canções, interrompidas de vez em quando pela permuta d'algum *bóia tarde*— com um ou outro conhecido.

Não direi mais nada, não. Assisti o teu casamento com um homem que odeio. E cansado de viver só neste mundo cheio d'amarguras, prefiro a morte, embora tenha que singrar Phlegetonte, ao lado de Charonte.

ERNESTO BENNET.

\*  
\*\*

Ahi termina o que escreveu o misero Ernesto. E elle, depois de sobreviver, empunhou uma taça que estava sobre a meza.

Deitou-se no leito, e tragou o terrivel veneno.

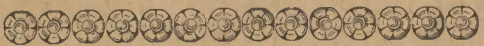
No meio de convulsões horriveis. Ernesto soffria resignadamente, sem testemunhas de seu acto.

Os labios contraiam-se, e a bocca estava immovel; seu corpo remexia-se freme, até que um ultimo suspiro pôz termo áquella existencia.

São Paulo, 17-8-97.

C.G.M.

N da R.—Declaramos que não publicaremos artigos com pseudonymos; si hoje o fazemos, é porque abrimos esta unica excepção á esta regra. Ahi fica o aviso.



Lola em primaveras

No dia 8 de setembro, Lola teve occasião de ver quanto era estimada pelos seus admiradores e numerosas amigas, porque cahiu sobre sua linda frente de virgem mais um anno de purissimas flôres.

E' o caminho certo e altivo para o horizonte da vida.

Fazer annos equivale, senhorita, ao colher uma flôr em delicada roseira, e collocal-a na vida que avança.

Até nisto que tantos encantos encerra, tu és feliz...

Para que illusões? De que servem volteios de phrases, quando hoje legitimamente seu coração nada em doces effluvios de praser!...

E's bella, joven, graciosa, captivante; possuis todos estes bellissimos predicados.

Teu bello coração entrelaçado pelos aromas do amor, aninha-se em teus sentimentos altruistas.

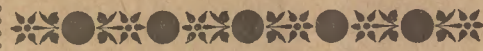
Teus labios purpurinos desprendem risos tão puros, como tua consciencia de virgem bella, e chocam sempre de encontro a quem esta saudação envia-te.

Tu és digna *mia stella*, da data principesca — 8 de setembro!

Que sobre tua elegante cabeça chovam as felicidades que o futuro indica.

Tóque... em meu modesto calix, bêbo a tua saúde...

A. MACHADO.



VARIEDADES

Poesias ineditas

— Começamos hoje á publicar as poesias ineditas de Antonio Martins de Araujo, poeta paranaense, ha pouco fallecido, e que acham-se em nosso poder. A' um simples golpe de vista sobre ellas, as achamos boas, não diremos de todo impeccaveis na fórma e na harmonia do rythmo; mas é mister observar que o auctor vegetou em uma sociedade litteraria assás miseravel no seu tempo. No proximo numero publicaremos sobre o auctor um estudo, acompanhado de algumas notas biographicas.

Litteratura infantil

— Arthur Goulart, o imaginoso *conteur*, e nosso scintillante collaborador, tem no prélo do sr. Oscar Monteiro um livro de contos, dialogos, etc., apropriados á leitura das creanças, que se intitula — *Litteratura infantil*. Ésperamol-o anciosos, desejando-lhe grande successo, como sóe acontecer com os trabalhos do auctor das — *Pétalas*.

Versos

Deve sair á luz brevemente o volume das *Poesias* — de Pedro Luiz, editado por Mario de Sousa... O T. A. já deve estar procurando os dados biographicos do auctor, para inseril-os nas suas *historias*...

O notavel historiographo não deve esquecer-se do *Cabaré do Sapo Morto*, sob pena de ... critica, como aquella do *Estado*...

E o sr. Couto de Magalhães que

mande queimar os versos, e editar as nossas canções populares, que vão tornando-se esquecidas pelos brasileiros, por aquelles brasileiros que olvidam as tradições de seus avós...

Xe retama mooripa,  
Ore yú, xembigoe  
Xe awê ndê robahê  
Ayu niê, borim, boripa.

Tapui pepira guabo  
Xe ramuya poracei;  
Xe Tupan rekô ayucei,  
Xe mba rekô peabo.

Maximas

O nosso Zé Fernandes, novo Marquez de Maricá, prometteu-nos algumas maximas, filhas de profundas meditações philosophicas. E não pensem que essas producções são destemperos... Ao contrario, Zé Fernandes possui um espirito assaz cultivado, e é companheiro inseparavel de Paula Jaret e de Mariano José Pereira da Fonseca, isto sem notar o glorioso auctor d'*Atlantide*, do qual é especial admirador.

Cumpra observar que o nosso bom Zé Fernandes é inimigo declarado de romances... Ha alguns dias, aconsellhou alguém ao Lino Moreira a leitura do excellente romance — o *Seminarista*, — de Bernardo Guimarães.

Então levanta-se elle e protesta em nome da philosophia, e isto com uma seriedade tão grave, que despertou-nos boas gargalhadas!.. Durante a sua vida, o Zé Fernandes só leu dous romances, sendo ambos moralistas! E' um excentrico, por isso que ja chamaran-lhe de — *aborto da natureza*!... Escusado é dizer que o bom moralista não zangou-se com a phrase, como nunca se amofinou por estas cousas, pela sua natural bondade, razão porque ninguem deixa de estimar os seus excellentes dotes de coração. Terminando esta nova, cumpra-nos recomendar aos leitores a leitura das maximas do nosso confrade.

Expediente

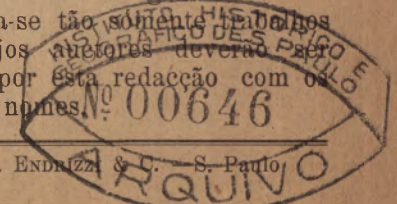
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor secretario, Lino Moreira, á rua Dr. Bráulio Gomes, n. 38, S. Paulo.

ASSIGNATURAS :

Mez . . . . . 1\$000  
Trimestre . . . . . 3\$000

Todas as pessoas que receberem o presente numero, e que não o devolverem no praso de oito dias, serão consideradas como assignantes.

— Publica-se tão somente os trabalhos inéditos, cujos auctores deverão trazer conhecidos por esta redacção com os verdadeiros nomes.



Typ. J. B. ENDRAZZ & C. S. Paulo